

A insubordinada das Assembleias de Deus no Brasil: uma análise de gênero sobre a trajetória de vida da missionária Frida Maria Strandberg

The insubordinate Assemblies of God in Brazil: a gender analysis on the trajectory of the life of the mission Frida Maria Strandberg

*Valéria Cristina Vilhena*¹

Resumo

Este artigo, fruto da tese doutoral² da autora, resultado de uma investigação efetuada sobre Frida Maria Standberg (1891-1940), missionária sueca enviada para o Brasil pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, em 1917, e que muito colaborou na expansão do movimento pentecostal brasileiro, que resultou no movimento das Assembleias de Deus. Frida no Brasil se casou, teve filhos, trabalhou com igrejas no Norte do País, se transferindo para o Sudeste quando, ao lado do marido, Gunnar Vingren, trabalhou na implantação das Assembleias de Deus no Rio de Janeiro. Após várias tensões-perseguições, em 1932, a família retornou para a Suécia. Alguns meses depois seu marido morreu. Tentou voltar ao Brasil, mas, foi impedida de fazê-lo. Foi internada em hospitais psiquiátricos, morrendo em um deles em 1940. Desde então, ao longo de 80 anos houve um processo de esquecimento de Frida e de suas atividades no Brasil. Portanto, procurou-se neste artigo abreviar a avaliação, à luz da perspectiva de gênero, a sua trajetória, e a pressão que sobre ela foi feita num contexto de dominação masculina sobre as mulheres. Resultou desse processo de violência simbólica, o apagamento de Frida e de sua trajetória, por dezenas de anos, da história das Assembleias de Deus brasileiras.

Palavras-Chave: Frida Maria Strandberg; Assembleia de Deus; Feminismo, Gênero.

¹ Doutora em Educação, História da Cultura e Artes, pelo Programa Interdisciplinar de pós-graduação, da Universidade Mackenzie. Mestre em Ciências da Religião pela UMESP, graduada em Teologia pela Universidade Mackenzie. Fundadora da EIG Evangélicas pela Igualdade de Gênero. Autora do livro: Uma Igreja sem Voz: uma análise sociológica da violência doméstica entre mulheres evangélicas.

²VILHENA, Valéria Cristina. Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940), Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Tese de Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura, 2016.

Abstract

This article, the result of the doctoral thesis of the author, was the result of an investigation carried out on Frida Maria Standberg (1891-1940), a Swedish missionary sent to Brazil by the Philadelphia Church in Stockholm in 1917 and who greatly contributed to the expansion of Brazilian Pentecostal movement, which resulted in the movement of the Assemblies of God. Frida in Brazil married, had children, worked with churches in the North of the Country, and moved to the Southeast when, along with her husband, Gunnar Vingren, worked on the implementation of the Assemblies of God in Rio de Janeiro. After several tensions-persecutions, in 1932, the family returned to Sweden. A few months later her husband died. She tried to return to Brazil, but was prevented from doing so. She was hospitalized in psychiatric hospitals, dying in one of them in 1940. Since then, throughout 80 years there has been a process of forgetting Frida and her activities in Brazil. Therefore, in this article, we sought to shorten the evaluation, in the light of the gender perspective, its trajectory, and the pressure that was made on it in a context of male domination over women. The result of this process of symbolic violence was the erasure of Frida and her trajectory, for dozens of years, in the history of the Brazilian Assemblies of God.

Keywords: Frida Maria Strandberg; Assembly of God; Feminism, Gender.

Introdução

O texto intenta mais do que contar a história, procura compreender as circunstâncias e o contexto em que se deu a trajetória de vida de Frida Maria Standberg (1891-1940). Frida como será nominada neste texto foi uma missionária pentecostal sueca, enviada para o Brasil, os fatos ocorridos em sua vida desde a sua chegada ao Brasil, depois do seu retorno a Suécia, em 1932, até a sua morte ocorrida no final de um período de cinco anos com várias hospitalizações, lançam luzes sobre os mecanismos de poder dos homens sobre as mulheres no âmbito das igrejas resultantes do trabalho missionário pentecostal sueco no Brasil.

A trajetória de vida de Frida, suas dificuldades e problemas, especialmente depois de sua viuvez em 1933, seus conflitos com a Igreja Filadélfia alimentados por notícias advindas do Brasil, dando conta de um possível adultério que teria ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, a pessoa de Frida passou por um longo período de hibernação na historiografia assembleiana. Parece-nos que esse silenciamento quanto às atividades desta personagem resultou de uma espécie de engenharia social típica de ambientes onde há acirrada disputa pelo poder.

A pesquisa que foi realizada pode nos ajudar numa melhor compreensão dos mecanismos de poder que tem operado nas igrejas pentecostais brasileiras com relação a participação das mulheres nas esferas de poder. A atuação de Frida foi fundamental para a expansão do movimento pentecostal brasileiro, particularmente no que resultou no surgimento das igrejas das Assembleias de Deus³. No entanto, toda a historiografia assembleiana não poupa elogios ao seu marido Gunnar Vingren, ao seu companheiro Daniel Berg, e ao primeiro sueco enviado oficialmente pela Igreja Filadélfia, Samuel Nyström.

Não tivemos a intenção de aprofundar nos caminhos da história das Assembleias de Deus, mas a espreitamos enquanto pano de fundo de uma parte da vida de Frida, uma vez que, sua trajetória está imbricada na história desta denominação religiosa. A história das Assembleias de Deus, por sua vez, faz uso do mito fundante: homem branco, europeu que recebeu uma visão divina para salvar a América do Sul, especificamente o Brasil. Evangélicos batistas que saíram da Suécia, fruto das igrejas livres suecas,

³ É bom esclarecer a respeito de alguns termos aqui usados. Por exemplo, quando falamos em pentecostalismo nos referimos aos movimentos do início do século XX surgidos nos Estados Unidos e que rapidamente se expandiram por vários continentes, em especial no Brasil. Nos referimos a Assembleia de Deus, não sob o enfoque de uma denominação religiosa, mas de um conglomerado de igrejas, convenções, ministérios, surgidos no Brasil em 1911. No senso do IBGE, 2010, eram mais de doze milhões de assembleianos no Brasil, podemos afirmar que se trata do maior movimento religioso brasileiro depois da Igreja Católica.

(Suécia que tinha como religião oficial – o luteranismo) e passam pela experiência pentecostal tanto da cidade de Chicago, quanto da Rua Azusa, Los Angeles, Califórnia (Estados Unidos), que tem como eixo no evangelismo urgente-apocalíptico, comum aos pentecostais no início do século XX.

1. Sua chegada: início das tensões

Chegando ao Brasil, em 1917, Frida foi logo avisada que as mulheres não saíam ou realizavam coisas sozinhas, logo se restringiu aos serviços sociais; três meses depois, Frida se casou com Gunnar Vingren, com quem teve seis filhos, trabalhou com igrejas no Norte do País, se transferindo, em 1924 para o Sudeste quando trabalhou na implantação das Assembleias de Deus no Rio de Janeiro e em outras cidades. Muitas vezes substituindo o próprio esposo em períodos de viagens ou enfermidade à frente das igrejas – enfermidades e viagens era uma constante na vida de Gunnar. Essa sua incontestável liderança provocou ciúmes entre pastores brasileiros e até entre missionários suecos, especialmente em Samuel Nyström.

Desde sua chegada, como missionária sueca enviada para o Brasil pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, em 1917, tensões entre Frida e Samuel Nyström, foram descritas por Kajsa Norell (2011)⁴, tanto tensões surgidas a partir da formação do primeiro jornal da denominação: *Boa Semente* (1919),

⁴ Kajsa Norell é uma jornalista Sueca que realizou no Brasil uma importante pesquisa no Brasil. Ela utiliza uma comunidade no Rio de Janeiro e outra em Brasília como campos de pesquisa a fim de demonstrar como os pentecostais assembleianos ainda vivenciam um contexto de abandono social e pobreza. A partir dessas comunidades ela faz o caminho inverso chegando no início das Assembleias de Deus no Brasil destacando semelhanças entre as igrejas das comunidades e o início do movimento pentecostal brasileiro. E por chegar ao início do movimento impreterivelmente conhece e pesquisa a vida de Frida Maria Strandberg. O livro de Kajsa foi adquirido em formato digitalizado – E-book. Juntamente foi acessado um tradutor digital. No entanto, em relatos específicos de Frida (a pesquisa de Kajsa não foi exclusivamente sobre Frida), os textos eram enviados para que Christian Bjurstedt, sueco, companheiro de Kim uma amiga inglesa corrigisse as traduções.

quanto na organização do primeiro hinário (1922), mas, sobretudo pela percepção de Frida de que as mulheres brasileiras estavam submetidas a muitas restrições em comparação às mulheres evangélicas pentecostais suecas.

Em 1924, a família muda-se para o Rio de Janeiro, nessa época o casal tem com quatro filhos. Frida e Gunnar ficam fascinados pelo Rio de Janeiro, mas também chocados com o “pecado”, corrupção, prostituição e vaidade, fora de seus padrões. Frida afirma ser o Rio de Janeiro mais fortemente influenciado pelo catolicismo e não gosta disso. Todavia, Frida se percebe muito mais livre e esse fato tinha muito a ver de estar longe geograficamente de Samuel Nyström, que ficara na igreja sede em Belém. Frida visitava prisões, pregava em praças e parques, tocava órgão e cantava, ora sozinha, ora em dueto com Vingren, visitava pessoas pobres e doentes em toda a cidade, passava muitas horas se deslocando em bondes ou carros.

Quando a família Vingren, em 1924, sai da igreja-mãe em Belém do Pará para continuar a igreja no Rio de Janeiro, deixando Samuel Nyström em seu lugar, encontra ali um jovem, Paulo Leivas Macalão, que será o segundo batizado da igreja carioca, o primeiro secretário, um ativo obreiro evangelizador e pastor consagrado em 1930, ainda solteiro e com 27 anos. Vingren lidera a Igreja da Missão no bairro de São Cristóvão, e Macalão, a “Igreja de Madureira”. O binômio, Missão-Madureira, prolifera por todo o país. Mas, como esclarece Gedeon:

Macalão vem de uma família rica, de tradição militar, portanto nacionalista. O governo de Getúlio e o tenentismo são um substrato conceitual importante na sua formação. Ele não aceitou se submeter à liderança de um jovem sueco – ou mais grave - e/ ou uma mulher. (ALENCAR, 2013 p. 177.)

No Rio de Janeiro, a família Vingren viveu de maneira modesta, como a maioria das famílias da igreja. Frida informou certa ocasião aos irmãos suecos que muitas mulheres brasileiras que pregavam foram despejadas de

suas casas, e Norell (2011) avalia que foi Frida quem fez de Emília Costa a primeira diaconisa da denominação. Durante um período, o trabalho social foi prioridade. A igreja na Suécia enviava roupas e dinheiro e os missionários iniciaram um orfanato e ensinavam as crianças a ler e escrever, por iniciativa de Frida.

Frida era “uma pregadora carismática, ela era poetiza, musicista, falava com muita energia e convicção e tinha um senso infalível de dramaturgia” (NORELL, 2011, p. 113). Iniciou uma escola bíblica dominical na prisão, ponto de pregação iniciado por Celina Albuquerque, a primeira mulher batizada no Espírito Santo. Todo domingo à tarde, visitava a cadeia, uma realidade vergonhosa e nefasta; cantava e lia a Bíblia para os presos. “Frida conta em seu diário que em uma ocasião um garoto foi estuprado por uns vinte presos”. (NORELL, 201, p. 112).

Mesmo no Rio de Janeiro, Frida continua colaboradora do jornal *Boa Semente*, escrevendo artigos para Nyström, que administrava o jornal em Belém. Ela trabalha incansavelmente. No entanto, em 1929, ao iniciar um novo jornal, *Som Alegre*, com um conteúdo mais amplo do que o *Boa Semente*, em parte entendemos que este foi o ápice e o modo que Frida encontrou de ganhar a independência total – de seu grande “vigia”, por outro alimentou ainda mais o medo e a repulsa de Nyström e os demais homens contrários ao ministério feminino. Mesmo afirmando em carta para a Suécia que o jornal não era em oposição ao de Belém, as tensões aumentaram.

As doenças e febres de Vingren aumentam as responsabilidades de Frida. Ela toma conta de tudo, e mesmo recebendo ajuda de uma outra mulher para os cuidados com as crianças, que em 1928 eram seis, ela é a principal responsável por Vingren e as crianças; a principal responsável pela igreja e pelos trabalhos evangelísticos fora dela e também das outras congregações.

O hinário, contendo cerca de vinte e três hinos com as iniciais de Frida, alguns hinos de sua autoria e outros de sua tradução, foi outro ponto controverso entre Frida e Nyström. Frida e Vingren começaram a organizar, no Rio de Janeiro, um novo livro de música com noventa músicas selecionadas e mais cento e dez recém-escritas, a ideia era publicá-las em pelo menos quatro mil exemplares. Quando estava tudo quase pronto, o pastor Pethrus da Suécia escreve pedindo para que não fosse publicado o novo hinário. Nyström havia escrito para Pethrus, contando desse novo hinário além do novo jornal. Mais tarde, ao assumir a administração do hinário único das Assembleias de Deus, Nyström o faz como se fosse resultado somente de seu trabalho, quando foi, sobretudo, um trabalho de tradução de Frida. Nyström escrevia para o líder pentecostal sueco e solicitava sua intervenção – e essa era uma das formas de atuar para impedir ou dificultar os trabalhos de Frida.

2. A Primeira Convenção das Assembleias de Deus, em 1930: espaço de poder

Na tentativa de resolver essas tensões, missionários e pastores organizaram a primeira Convenção das Assembleias de Deus no Brasil, em setembro de 1930. O clima de tensões em relação à atuação de Frida à frente dos trabalhos da igreja e na redação do jornal *Som Alegre*, fundado em 1929, no Rio de Janeiro, por Frida e Gunnar, entendido por Samuel Nyström como uma afronta ou um embate direto ao jornal *Boa Semente*, de Belém, acirrou ainda mais as tensões e seu posicionamento contra o ministério feminino na igreja, personificado na pessoa de Frida.

As tensões eram tão fortes que Gunnar viaja para Suécia a fim de trazer o presidente da igreja Filadélfia, em Estocolmo. Ele vem e participa e delibera resoluções, dentre elas o fim da atuação de Frida e das demais

mulheres assembleianas de estarem à frente de qualquer trabalho e, a de que os jornais *Boa Semente* e *Som Alegre* deveriam ser unificados e o foi fazendo nascer dessa junção o jornal, até hoje oficial das Assembleias de Deus o *Mensageiro da Paz*.

Nos meses seguintes era esperada uma calmaria nesse cenário coberto de tensões. Porém os conflitos reaparecem com muita força após a publicação do primeiro número do jornal oficial *Mensageiro da Paz*, em dezembro daquele mesmo ano, em que o nome de Frida aparecia como a redatora da publicação. Joel Carlson, missionário sueco escreve para o líder sueco Lewi Pethrus:

Você pode imaginar querido irmão Lewi Pethrus tudo estava tão bem, todos os crentes aqui no Brasil louvou a Deus por sua visita e conferência em Natal. Todos aguardavam ansiosos pelo novo jornal e quando chegou: “Redator: Frida Vingren”. Foi um tapa na cara. [...] Então, depois de um tempo, veio o artigo “O Pastor”, ele literalmente acendeu o fogo e as tensões ficaram ainda maior. Sinto que algo deve ser feito para que este trabalho glorioso não seja derrotado, pois não haverá volta. Todos os irmãos que eu conversei estão sofrendo com esse trabalho da irmã Frida. (Carta do missionário sueco Joel Carlson, de 12, maio, 1932, para Lewi Pethrus in NORELL, 2011, p. 139)

É importante salientarmos que para esses “homens de Deus” todo o problema girava em torno do ministério de Frida e os “maus” exemplos que ela poderia dar as demais mulheres assembleianas – a de ser pastora, pregadora, redatora, musicista, e não ter como único foco a maternidade, os afazeres de casa. Essa situação atinge a igreja sueca que também faz apelos para que homens capacitados venham para o Brasil, assim não precisariam dos trabalhos de Frida:

Eles [os missionários brasileiros] precisam de homens. De preferência, com as mesmas qualidades de liderança como a de Frida e Adina, mas do sexo masculino. (A.P. Franklin, líder da missão sueca, jornal da igreja, *The Harald*, in NORELL, 2011, p. 115)

Enquanto Frida e as demais mulheres atuavam nos trabalhos sociais, como por exemplo, quando Frida chegou ao Brasil, costurava roupas para as crianças carentes que viviam nuas pelas ruas, ou ao visitava o leprosário para orar pelos doentes, dava assistência social às mulheres e aos lares (como enfermeira obstetrícia muito colaborava), tais serviços não incomodaram os homens da igreja, mas quando começou sua atuação à frente dos trabalhos eclesiais e, de início, começou, pela ausência de seu marido, a tomar conta cada vez mais da igreja os homens sentiram-se ameaçados a ponto de convocarem, articulados especialmente por Samuel Nyström a primeira Convenção. Frida escreve a Lewi Pethrus o líder da igreja sueca:

Agora, Samuel Nyström quer definir regras para uma irmã falar, faz diferença entre pregação e testemunho, faz diferença entre a pregação e a pregação. Eu só sei que o Senhor me deu uma mensagem para os crentes, para a edificação da vida espiritual. [...] É errado isso? Isso é pecado? (Carta de Frida a Lewi Pethrus *in* NORELL, 2011, p. 134)

As mulheres evangélicas pentecostais eram e ainda são instadas a ter como modelo feminino, as mulheres submissas. As assembleianas cresceram sem conhecer Frida, embora tenha sido uma grande liderança do início do movimento pentecostal brasileiro, atuando por quase 16 anos de sua vida em prol do crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil. Uma das hipóteses levantadas é de que, em virtude da sua atuação insubordinada, teve a importância do seu trabalho esquecido, sua trajetória de vida apagada.

Localizar esse apagamento apresenta-se como um desafio necessário e complexo, para demonstrar a importância do tema diante de alguns fatos tais como: a) perceber as consequências para as mulheres evangélicas pentecostais nos dias de hoje a partir de decisões na vida de Frida nas décadas de 1920-1930; b) o silenciamento perpetrado sobre sua pessoa-

identidade-nome como um aviso à todas as mulheres que se “atrevem a enfrentar a força masculina”, a ordem e o poder dos homens da igreja; c) uma dupla tendência pós-silenciamento tem sido criada, a da mitificação “heroica” e de sua hagiografia; d) para a conscientização da denominação e das mulheres assembleianas que compõem 67% da denominação contra 33% de homens, portanto o maior número de mulheres não ocupa lugar na hierarquia ou nas esferas de poder.

Esses homens da igreja – reconhecidos pela igreja como “homens de Deus” - reproduzem o sistema cultural patriarcal e misógino visto por Pierre Bourdieu (1998) como “capital”; um capital cultural, um capital de trocas inserido em um sistema simbólico de economia própria. Nesse sentido é importante estabelecer na trajetória de vida de Frida a perspectiva de gênero, a fim de revelar as opressões impostas pelos discursos ‘ditos e não ditos’ construídos pelos conceitos da sexualidade, do corpo feminino, da família, da maternidade e da loucura fabricada em meio ao campo religioso – ao examinar as relações de gênero vigentes na vida e na época de sua vida no Brasil é exposto as relações de poder estruturadas no campo religioso.

Sob a perspectiva da categoria analítica relacional de Gênero, são consideradas as construções socioculturais da época designada, desvelando papéis, denunciando atitudes pré-determinadas, tanto para homens quanto para mulheres que explicam e não justificam a perpetuação das violências simbólicas contra as mulheres. Neste sentido, a análise refere-se também ao fenômeno religioso em quatro aspectos mais significativos para as mulheres pentecostais: os discursos (prática discursiva da igreja); as práticas (ações e reações observadas na historiografia de Frida Strandberg); o aparente (qual era a forma esperada socialmente em relação a moral sexual) e o ambiente familiar (propício para essa manifestação religiosa).

No entanto, essa trajetória está na perspectiva da “história dos vencidos”, pois oficialmente tem se contado a partir dos vencedores. E vencedores, sejam eles reis, faraós, imperadores ou pastores-presidente podem determinar a verdade porque detêm o poder. Frida Maria Strandberg é a incisão ou a cicatriz nessa história - ela foi vencida.

Segundo Carmen Soares (2006, p.110), “governar o corpo é condição para governar a sociedade”, depreende-se que são inúmeras as estratégias de governança do corpo. Neste trabalho, a sexualidade adquire um caráter político, não restrito apenas ao campo íntimo e privado de cada um. As instituições religiosas também são incitadoras dos discursos e o sexo entra no “fato discursivo”, como argumenta Michel Foucault, “[...] o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas” (FOUCAULT, 2001, p.16).

A vigilância e o controle entram na casa de Frida e Vingren. Vingren tornou-se cada vez mais fraco e ausente, ou porque estava viajando em missão ou porque estava em casa doente com febre alta, por causa de doenças graves. O casal fica cada vez mais distante. A atuação de Frida após a Convenção ao invés de ter enfraquecido, principal objetivo da Convenção, estava cada vez mais forte dentro da igreja, porque à frente do jornal, estava à frente do maior meio de comunicação dentro da denominação e ela faz uso desse mecanismo e com muita capacidade. As responsabilidades de Frida estão cada vez maiores. Após a Convenção a vigilância sobre ela cada vez maior e ela está muito decepcionada, frustrada até com o resultado da Convenção porque confiava que a vinda do líder sueco, Lewi Pethrus ajudaria as mulheres, porque lá em seu país as mulheres eram mais atuantes, logo ele esclareceria os fatos, mas não foi assim.

3.O Adultério

No ano de 1931, próximo ao final do primeiro semestre, parece-nos que algo mais sério [do que sua própria atuação insubordinada ou desobediente aos homens de Deus] aconteceu nos bastidores, pois, tanto o nome de Frida como do outro redator, Carlos Brito, desapareceram do expediente do *Mensageiro da Paz*. Desde então uma série de rumores surgem dando conta de que um relacionamento extraconjugal teria ocorrido com Frida e um homem jovem. À frente desses rumores estavam o missionário Samuel Nyström e o jovem Paulo Leivas Macalão. Os meses seguintes foram marcados, possivelmente, por enormes pressões sobre Frida e Vingren. Os missionários suecos interferem até no orçamento doméstico da casa de Frida e Vingren.

O que passamos a tratar agora é o caso amoroso de Frida Maria Strandberg e um jovem da igreja do Rio de Janeiro. Tentaremos verificar estratégias de poder criadas que não estão diretamente na instituição igreja, mas está presente nas relações e nas estratégias criadas em nome dessas instituições para calar, fazer confessar, controlar, castigar, reprimir, julgar a quem se determina sujeito desse poder dominador.

Á luz da moralidade cristã que antecede, mas passa por Agostinho⁵, Frida tinha que ser exemplo para outras mulheres. Mas que tipo de exemplo? De mulher dócil, submissa, do lar e somente do lar, esposa devotada e mãe dedicada. Aparentemente Frida não respondia a todas essas expectativas. Não que não amasse seus filhos, ao contrário sempre foi descrita por eles como uma mãe carinhosa e amável, que se colocava à

⁵ O capítulo V, da Tese, intitulado: AGOSTINHO, A MATRIZ MORAL SEXUAL DA IGREJA E A CONTESTAÇÃO DE SUA CONCUBINA “FLÓRIA EMÍLIA” é tratado com maior profundidade esse tema. (VILHENA, Valéria Cristina. Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940), Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Tese de Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura, 2016).

frente para protegê-los. Não que fosse indelicada, mas sempre se mostrou firme em seus objetivos; não que fosse desobediente, ao contrário, era exatamente por obediência ao seu chamado que compreendia seu ministério como dado por Deus.

Nesse processo lento e complexo das continuidades e descontinuidades culturais, desde os pais da Igreja até o protestantismo, a confissão dos pecados é modificada, mas não excluída. Não se confessa mais aos padres, mas direto à Deus. Não se confessa mais aos padres, mas aos pastores; não se confessa mais no confessionário, mas nas salas pastorais e, se o réu confesso for homem tudo pode ser resolvido sem maiores prejuízos para que se evitem maiores escândalos aos homens.

Os suecos vieram de um país luterano do qual os missionários pentecostais argumentaram serem os protestantes não praticantes espiritualmente “frios”. Esses mesmos argumentos utilizaram para se dirigir aos católicos não praticantes do Brasil. E esse fato é bem razoável quando a religiosidade é imposta pelo Estado. A religião quando imperativa pode fazer com que os fiéis tornem-se infiéis porque a religiosidade precisa antes de tudo ser mantida por fé e não por obediência.

Nesse sentido os movimentos quacre-metodista-holiness, apresentado na Tese como rota predecessora do movimento pentecostal brasileiro está na mesma matriz religiosa cristã protestante, mas com o viés ou na procura por um avivamento, por uma renovação com mais entrega e comprometimento, para que se sintam “praticantes dessa fé”. Concomitantemente essa busca vem acompanhada da recuperação de ações que carregam e exigem quase que imediatamente, maior controle, regulação e confissão de pecados e fraquezas como prova de tal comprometimento.

De acordo com as ideias foucaultianas, o prazer é negado e condenável, principalmente para as mulheres que não estão livres para o prazer, mas para a reprodução e tais preceitos trazem maior rigor no

controle das ações dos indivíduos. Na esteira das sociedades cristianizadas e agora renovadas pelo Espírito Santo, o movimento pentecostal brasileiro desvia-se da tradição libertadora quacre-metodista-holiness para as mulheres e começam a construir um muro. A tradição libertadora para as mulheres pregadoras, missionárias, pastoras toma um golpe. Um golpe forte de um homem forte, Samuel Nyström. A liderança masculina quer controlar Frida porque assim controlavam as demais mulheres. Calaram Frida porque assim calariam as demais mulheres; impediram Frida porque assim impediriam as demais mulheres assembleianas.

Os homens na liderança sentem-se superiores, pois a memória social de dominação está desde muitos séculos presente. As relações de poder são desiguais. Frida contava com o apoio do marido, mas este precisa também manter o controle, mesmo porque é pressionado pelos outros homens a fazer uso de sua autoridade de marido e pastor. Deixar Nyström na Igreja mãe, em Belém do Pará e vir para o Rio de Janeiro foi importante. Desde lá Frida e Nyström apresentam divergências, mas o que ocorre é que a adversária de Nyström, Frida⁶ também não era fraca. Ela é persistente e sabe argumentar. Em sua crença e hermenêutica afirma **igualdade** em nome de Deus e que, na pessoa do Espírito Santo, todas e todos estão no mesmo patamar. Nesse sentido Frida é bem holiness.

No entanto era preciso encontrar uma fraqueza; um argumento mais forte, mesmo porque cada vez mais, seja nos EUA, seja na Europa as mulheres cresciam em atuações cada vez mais proeminentes na igreja. Era preciso evitar tal avanço no Brasil. Nyström aqui só tinha mesmo o apoio dos machistas que, na concepção de Frida, estavam errados porque Deus distribuiu dons iguais para homens e mulheres. Nyström precisava de um pecado, de uma imoralidade de uma transgressão para afastar Frida de uma

⁶ Na Tese VILHENA, Valéria Cristina, 2016, Frida é comparada a diversas mulheres contemporâneas feministas a fim de que se observem aproximações e distanciamento entre elas.

vez por todas, e provar que ela era “perigosa” para todas e todos. Ele conseguiu. De início foi uma suspeita, mas não qualquer suspeita. Kajsa (2011) declara que o pastor Paulo Leivas Macalão ao abrir a porta do quarto do rapaz que morava na casa da família Vingren, vê Frida em trajes íntimos junto ao rapaz.

Possivelmente o rapaz fosse Carlos Brito, cunhado de Paulo Leivas, e redator do jornal juntamente com Frida. Porém, o seu nome permaneceu escondido. Aqui levanto a suspeita de ter sido em meados de maio ou junho, de 1931, que Macalão tenha visto o casal no quarto em trajes íntimos e o caso tenha repercutido escandalosamente, ao menos na liderança, pois foi quando ambos, Frida e Carlos Brito, redatores do jornal o *Mensageiro da Paz* passam a não mais constarem como tal no jornal.

Paulo Leivas Macalão não surpreende o casal em “flagrante delito”, tendo relação sexual, (observe como o ‘pecado’ foi para o campo do direito) e Frida sabe onde está pisando – quem são seus pares ou quem é sua liderança e, por isso nega maior envolvimento. Apesar das insistências, Frida nega qualquer ato além do que Paulo Leivas viu. Não confessa nesse momento ter mantido relações sexuais com o rapaz, mas reconhece que errou sem dar maiores detalhes num primeiro momento.

A carta de Nyström para Pethrus, em 1932, deixa clara a relação extraconjugal de Frida com esse jovem da igreja no Rio de Janeiro: “Eu exigi que o jovem não vivesse mais na casa dos Vingren e disse a Gunnar que Frida e o jovem deveriam deixar de cooperar, a fim de colocar uma tampa sobre o escândalo.” E Vingren pede a Frida que mande o rapaz embora, porque, obviamente, não estava feliz com a situação, e Frida atende ao pedido. Nyström enfatiza: “Eu só exigi que ela parasse de qualquer forma de trabalhar com este jovem. Temos escândalos suficientes neste país. Também deve-se proteger o jovem, porque não se deve brincar com os sentimentos de seu povo.” (NORELL, 2011, p. 273.) Portanto, o jovem

morava na casa de Frida (possivelmente após a unificação do jornal) e o casal, Frida e Gunnar estava separado de corpos, cada um tinha o seu quarto nessa ocasião.

A verdade é que muitos não podiam suportar que Frida continuasse como editora do jornal. Em carta de Carlson para Pethrus em 1931, está escrito: "Quase todos os irmãos brasileiros queixam da amizade de Frida com certo jovem. Eu disse aos Vingren e aos irmãos que se eu tivesse uma esposa assim, ela seria excluída da assembleia" (NORELL, 2011, p. 272). Os irmãos em Estocolmo escrevem para Frida, aconselhando-a a não permitir que o jovem ficasse em sua casa. Norell também nos confirma tal fato, ao relatar que a filha mais velha de Frida, Margit, relatou que o jovem estava sempre em sua casa e que ainda teve um quarto com uma entrada separada para o quarto de sua mãe, Frida.

Atentemos aqui para o cuidado de Nyström: "deve-se proteger" o jovem; e foi o que se fez. A partir daí, faz-se de tudo, especificamente Nyström para impedir Frida em seus trabalhos – especialmente tirar sua liderança. Proteger o rapaz e punir Frida, esse foi o veredito. Dois pesos e duas medidas para o mesmo "delito" em que um homem e uma mulher estão envolvidos; como a mulher adúltera que foi levada até Jesus, sozinha, para ser apedrejada.

Norell (2011) afirma que, de acordo com Nyström, o jovem havia proposto casamento a Frida, sabendo que Vingren estava mal de saúde e podia não viver muito mais tempo. Frida tinha papel preponderante na igreja do Rio de Janeiro; nesta situação, o escândalo estava posto. Tudo que seus inimigos, contrários ao ministério feminino, desejavam era apanhá-la em alguma fraqueza. Ela ficou vulnerável, mas independentemente do adultério, duas questões estavam postas: o como trataram o jovem diferentemente de Frida e por que a impediram de voltar ao Brasil sendo viúva?

Frida escreveu um artigo sobre a tentação, que nunca foi publicado, afirma Norell: “A tentação não significa nada mais do que humanidade. Ser humano, um ser humano completamente normal”. Ela também escreve neste artigo que: “as pessoas na linha de frente são tentadas ainda mais pelo diabo”, possivelmente referindo-se a si mesma. E continua: “É muito estranho que a tentação possa afetar alguém tão fortemente, mesmo que essa pessoa tenha servido ao Senhor Jesus durante toda uma longa vida.” Talvez pela leveza com que escreve, e escreve tão abertamente, seja motivo para nunca ter sido publicado. (NORELL, 2011, p. 272.)

Todavia, reconhecer sua condição humana não foi o suficiente para receber o perdão daqueles que achavam ser proprietários do perdão. Sua fala: “É muito estranho que a tentação possa afetar alguém tão fortemente, mesmo que essa pessoa tenha servido ao Senhor Jesus durante toda uma longa vida”, pode ter duas conotações – a de que ninguém está isento de ser tentado e cair na tentação, como também como foi forte seu envolvimento com o jovem, mesmo ela reconhecendo ser uma tentação.

Portanto, na primeira Convenção das Assembleias de Deus realizada em setembro de 1930, Nyström não tem esse dado ou essa denúncia contra Frida e por isso não pode derrotá-la totalmente? (pois ainda ficou, não oficialmente, como redatora do jornal que fora unificado e na verdade por ela dirigido no Rio de Janeiro) Poderíamos dizer que a vitória até então teria sido parcial da parte de Nyström? Nyström levou a pauta da atuação das mulheres à frente dos trabalhos da igreja porque seu objetivo era impedir o ministério de Frida e das demais mulheres. Sua posição a esse respeito encontra respaldo em outros pastores, tanto suecos, quanto brasileiros aqui no Brasil. Todavia, o silenciamento de Frida na história oficial das Assembleias de Deus deve ser sempre problematizado para explicitar o mutismo de tantas outras mulheres na história do movimento pentecostal brasileiro.

É preciso um exercício necessário para desconstruir atitudes cruéis, caminhos tortuosos, ações injustas, sistemas de crenças que desumanizam. A herança que mulheres quacre-metodista-holiness deixaram à outras mulheres ao estarem em postos de liderança, na administração, nos serviços pastorais, como redatoras dos jornais, preletoras foi bruscamente interrompida pelos pastores brasileiros e suecos, a partir da Primeira Convenção das Assembleias de Deus, realizada em 1930. Tal resolução ocorreu antes que viesse à tona o “pecado capital” de Frida como uma comprovação de sua impossibilidade.

A tomada de decisão dos homens assembleianos, liderados especialmente por Nyström, de excluírem Frida e as demais mulheres pentecostais da possibilidade de ocuparem cargos de liderança trouxe consequências profundas e duradouras. Mesmo sendo maioria, as mulheres seguem em lugares demarcados com papéis definidos dentro de suas comunidades de fé. Os homens, em muitas igrejas, desde a época de Nyström, continuam a ditar as ordens e os lugares onde mulheres podem ou não atuar dentro da igreja.

A igreja segue sua história de louvor, enriquecimento e ufanidade. E para que não se manche sua lisura e orgulho de ser a representante da vontade de Deus aqui na terra, a história oficial das Assembleias de Deus forja o apagamento da memória de Frida Strandberg. No entanto, não foi assim com o pastor Samuel Nyström que também se envolveu em um escândalo de ordem moral-sexual. Pois, Frida o acusou de molestar crianças em passeio na praia, mas ele negou e se justificou dizendo que só estavam todos, ele e as crianças, brincando. Por conseguinte, ficou tudo bem (NORELL, 2011).

A questão principal, portanto, não é o adultério em si, mas como homens e mulheres são tratados de forma diferenciada na sociedade patriarcal brasileira em que as igrejas cristãs pentecostais estão inseridas.

Como tantas outras mulheres, Frida passa a viver na resistência, para além do que fora submetida. Ela resiste e de certa maneira subverte a ordem dada, mas não pôde ultrapassar alguns limites impostos. Conforme exposto no início deste texto, não se trata de encontrar Frida na história, mas de reconstruir sua trajetória de vida às avessas, isto é, não procurar uma história idealizada, mas encontrar os fatos.

A história de Frida foi até então a construção masculina de sua identidade, porém sua trajetória desvela um mundo religioso permeado de repreensão às mulheres perpassadas pelas relações de poder e dominação. No entanto, como outras mulheres criam possibilidades de resistência. A trajetória de Frida demonstra o quanto ela lutou e como resistiu até sua morte a homens que desejavam controlar sua vida pessoal. Frida precisa ser (re)conhecida em todas as suas (in)diferenças, ambiguidades, cumplicidade, pois ela foi concomitantemente submissa e transgressora; passiva e criativa ao subverter as regras dos homens sem abandonar seu desejo de servir a Deus, segundo suas crenças.

4. O Retorno para a Suécia

Em setembro de 1932, a família embarca definitivamente para a Suécia, Frida com 41 anos e seu esposo muito doente, cinco filhos e a dor de ter perdido recentemente sua filhinha mais nova a machucavam, mas sem alternativas retornam, são praticamente expulsos do Brasil. Alguns meses depois seu marido morreu. Apesar da dor pela morte de Vingren, Frida não ficou parada em casa. Ela foi à escola dominical e, em seguida, viajou em torno de Smaland. Após algumas semanas da morte de Vingren, Frida viajou para Vetlanda e enviou uma carta para Samuel Nyström, informando a morte de Vingren. Ela também escreve para uma mulher chamada Esther que indica ter visitado a família Vingren, e diz: “Tem sido um descanso estranho isso...”

(NORELL, 2012, p. 260). Frida se referia ao seu afastamento de reuniões missionárias e participação dos compromissos na igreja. Mesmo viúva e com cinco filhos, Frida se vê na possibilidade de retomar sua vida missionária.

Mais do que qualquer coisa, ela queria voltar ao Brasil. Mas diante dos impedimentos (principalmente articulados por uma rede de fofocas que Nyström constrói Brasil-Suécia), diz-se conformada com a vontade de Deus de ir para Portugal. Karl G. Ottosson, o proprietário de uma empresa têxtil e investidor no jornal Evangélico sueco *Dagen*, tinha prometido financiar sua viagem a Portugal. No entanto, Frida não estava muito interessada em viajar sem a aprovação da igreja Filadélfia em Estocolmo.

Então, ela escreveu a Paul Ongman:

Se eu for, sem a aprovação da assembleia, seria uma experiência muito amarga para mim. Eu posso fazer sem o dinheiro, mas eu não posso ficar sem a bênção e o companheirismo da igreja. Você sabe, eu sou por mim agora e não tenho apoio terrestre; por isso, é ainda mais difícil para não apreciar a bênção e apoio dos irmãos da congregação. Este é o meu último apelo. Peço a Deus que ele encontra um caminho para o coração dos irmãos. (NORELL, 2011, p. 267.)

Escreve à igreja do Rio de Janeiro, após a morte de Vingren:

Meu desejo é continuar a trabalhar na vinha do Senhor, onde ele quer me levar? Eu amo imensamente este país, onde passei por tantas lutas, mas onde recebi inúmeras bênçãos, durante 16 anos de trabalho ao lado de meu marido (...) Quero trabalhar ao lado de meu querido amigo no Brasil, este é o meu desejo e minha oração constantemente. (NORELL, 2011, p. 214.)

Assim que Frida começa a se articular para voltar ao Brasil, Nyström começa a trabalhar, para que ela não retorne. O despotismo é tão grande, que ele passa a controlar a vida pessoal de Frida, mesmo viúva e à distância. Interpõe-se entre o jovem e Frida, e deliberadamente resolve sobre a vida dos dois, a partir do que ele, Nyström, achava melhor. O jovem (confirmada nossa hipótese de ser Carlos Brito) continuou com seu papel preponderante na expansão da igreja no Rio de Janeiro, formou-se em direito e, por essa razão,

ocupou vários cargos, mas não desenvolveu uma carreira de destaque. Porém, a vida de Frida foi brutalmente interrompida. Norell (2011) escreveu que, além do escândalo de Frida, havia outros casos de comportamentos sexuais inadequados que voltaram nesse momento à tona. Mas no caso de um dos envolvidos ser o próprio Nyström, bastou uma carta a Pethrus e tudo ficou resolvido.

Sobre o ocorrido em sua vida pessoal, Nyström trata como intriga criada por Frida e a história não segue adiante. No entanto, Frida foi proibida de voltar ao Brasil e, por isso, começou a empreitada para sair em missão a Portugal. No final do verão de 1933, Ongman informou a Nyström que Frida estava planejando viajar para o Brasil com seus filhos e que ela tinha recebido o dinheiro de um homem de negócios, Ottosson, e avisou seu filho mais velho que ele não precisava se planejar para a escola no outono, porque iriam viajar. A rede de fofocas entre os homens suecos para deliberarem sobre a vida de Frida é muito forte e retomada.

5. Frida tenta voltar às missões no Brasil

Nesse ano de 1933, dá-se início a empreitada de Frida para voltar às missões e de Nyström para impedi-la, para isso é retomada a rede de fofocas dos homens liderada por Nyström que com o tempo vai se fortalecendo até chegar, segundo sua percepção, na necessidade de viajar do Brasil (estava morando e dirigindo a igreja do Rio de Janeiro no lugar de Frida e Vingren) para a Suécia, na tentativa desenfreada de impedir Frida de voltar ao Brasil.

Nyström age de forma controladora e centralizadora, definindo os espaços que as mulheres podiam ou não utilizar, quais ocupações podiam ter, o quanto podiam fazer – tudo isso ele pensava estar sob seu controle. De fato, após eliminarem Frida do cenário do Movimento Pentecostal brasileiro, fizeram com que todas as mulheres assembleianas não tivessem outra opção, a não ser

obedecer a um padrão determinado. Neste sentido, Deus só poderia dar às mulheres uma missão à medida que os homens permitissem.

Nyström criou e fez uso dessa rede de fofocas, que pode ser olhada com maior profundidade enquanto fenômeno social garantidor das redes de relações e integrações ou desintegrações. Conforme Norbert (2000), a fofoca pode servir a propósitos bastante diferenciados, inclusive como forma de destruir a imagem de determinada pessoa, criando um elo de solidariedade, reunindo pessoas em torno de uma causa que requer apoio de todo o grupo. Neste caso, a fofoca ajudou a manter o poder de controle do grupo social dos homens que tinham o poder, enquanto as mulheres “aprendiam” qual era seu lugar e papel, a partir da derrubada de Frida. Assim como nada escapa ao olhar panóptico da vizinhança e dos mecanismos de coerção social sobre o indivíduo (Foucault 1987), aqui nada escapa ao olhar panóptico dos pastores, especialmente de Nyström.

Não sabemos precisar quando iniciaram as tensões e divergências entre Frida e Nyström, mas ele passa a dedicar parte de sua vida para tirar Frida da frente de qualquer trabalho em que atuava. Veio para o Brasil para ser o missionário ou o primeiro missionário oficial da igreja Filadélfia, de Estocolmo, porque Vingren e Berg vieram sem nenhuma instituição que os regulassem. Aliás, a igreja Filadélfia nasceu praticamente no mesmo momento em que os missionários Gunnar e Daniel Berg vieram dos Estados Unidos para o Brasil. Entretanto, o trabalho missionário de Vingren e Berg prospera, cresce e se fortalece, tornando-o interessante para a igreja Filadélfia. Assim, foi enviado Nyström, o primeiro missionário oficial. É plausível essa leitura, porque o trabalho aqui já estava profícuo, embora não oficializado.

A fofoca ganha importância não só como forma de controle, mas também de socialização, como meio de encontro de pessoas rivais, unidas mesmo que temporariamente, na trama do dia a dia, no espaço de atuação. Assim sendo, articulam-se as próprias estruturas de poder, deslocando, para os dispositivos e

os procedimentos técnicos, “instrumentalidades menores” capazes de “disciplinar” e de gerir, diferenciar, classificar, hierarquizar. Estas estratégias, que se tornaram mecanismos de poder e dominação, produziram, nos discursos reguladores referentes à Frida, a mulher histórica, louca.

Nyström surpreendeu-se com o fato de Frida rapidamente demonstrar que não era somente “esposa” de um dos fundadores, mas uma líder, uma pastora, pregadora, além de ter habilidades com a escrita e com a música. Aferimos que Nyström passa também a desejar a liderança da igreja que nasceu e se fortaleceu com Frida e Vingren em São Cristóvão, RJ. O jornal *Boa Semente* não foi páreo para o novo jornal que Frida criou no Rio de Janeiro, o *Som Alegre*. Foi por isso toda a articulação e movimentação para que ocorresse a primeira Convenção das Assembleias de Deus no Norte do país. Em torno do envolvimento extraconjugal de Frida, Nyström consegue articular uma “rede de solidariedade”, entre os irmãos do Norte, Nordeste e São Paulo contra Frida no Rio de Janeiro.

No entanto, seu sossego após o afastamento definitivo de Frida das missões brasileiras, feita com a volta da família Vingren para a Suécia, é interrompido quando Frida, viúva, deseja voltar ao Brasil. Como Nyström fica sabendo não temos a total clareza. Norell (2011) cita a existência de uma carta, enviada a Nyström pelo secretário de Missões da igreja Filadélfia, insinuando a possibilidade da volta de Frida e seus filhos. Assim que soube, Nyström passou a articular-se e se perguntar sobre o que poderia ser um dos motivos de Frida desejar retornar ao Brasil. Provavelmente, o jovem nativo que lhe propusera casamento. Ela estava viúva e poderia unir agora sua vocação e chamado com um novo casamento. Retornar ao Brasil na condição de viúva lhe traria uma situação de possibilidade, pois naquela época do envolvimento, quanto não lhe custaria um divórcio? Diante dessas possibilidades Nyström escreve a Frida:

Recebi a sua primeira e segunda carta, na qual explica a sua relação com o jovem. Eu falei com ele e ele confessou e também admitiu outras intimidades e ele se desculpou. Ele chorou

muito e agora quer começar uma nova vida. Eu acho que você não deve escrever-lhe mais, uma vez que não poderia beneficiá-lo de qualquer forma. Temos dito que ele também não deveria escrever-lhe. (NORELL, 2011, p. 276.)

A questão é que Nyström interceptava as cartas que Frida escrevia ao jovem – dessas cartas não tivemos notícias, mas as cartas amorosas do jovem para a Frida estão em poder dos familiares de Frida. Tratava-se de uma rede de homens contra uma mulher, mas o conflito entre Frida e Nyström era notório. Sua opinião e informações eram fundamentais para que o Conselho da igreja sueca tomassem decisões. É possível inferir que o conselho de Filadélfia em Estocolmo, num primeiro momento, permitiu que Frida fosse para Portugal, pois Ongman numa carta a Nyström escreveu: *"Frida mudou muito ultimamente. Ela é muito mais humilde, tranquila, submissa, alegre e grata"* (p. 280). No entanto, em setembro, Ongman escreveu outra carta a Nyström, informando que mudaram suas avaliações apenas um dia antes da partida de Frida:

Decidimos ontem inverter a nossa decisão sobre Frida. Tínhamos decidido deixá-la ir, uma vez que ela havia conseguido o financiamento da viagem sozinha. No entanto, ela tem sido ultimamente tão teimosa e egoísta e de várias maneiras comprovadamente inadequada para fazer a obra de Deus, por isso, decidiu-se que ela não poderia ir. (NORELL, 2011, p. 281.)

Em 10 de setembro de 1934, em uma reunião da igreja Filadélfia, Pethrus recebeu uma carta de Frida na qual revelava sua vontade de ir para Portugal:

Eu ficaria muito grata se eu pudesse continuar a ser uma missionária da Filadélfia, porque é onde eu estava quando me pediram para sair em missões é onde eu estava quando eu tive que parar de ser uma missionária. Eu me lembro de que você disse que eu seria separada para ser missionária por toda a vida. Mas se você me permitir ir, o dinheiro que foi prometido irá beneficiar o conjunto também. (NORELL, 2011, p. 268.)

Ao analisarem as possibilidades, decidiram negar o pedido de Frida, com medo de se repetirem, em Portugal, as intrigas e batalhas como aconteceram no

Brasil. Nyström confirma que ela sempre quis ser líder e que sua conduta não era irrepreensível. Uma mulher capaz, inteligente, que sabia liderar, escrever, tocar, pregar, mas sem marido? Não, não poderia em nenhuma hipótese voltar, aliás sendo Frida – não deveria nunca mais voltar. Nyström temia tanto sua volta que viajou para a Suécia, em 1934, a fim de que seu testemunho contra Frida fosse mais bem compreendido; e o fez duramente na reunião da igreja Filadélfia, impedindo-a de ir como missionária para Portugal. Com isso, cooperou também para a decisão de expulsá-la da igreja Filadélfia.

Afirma Norell (2011) que a cada carta o tom de desespero aumentava! Ela se mostrava preocupada com a decisão dos irmãos e orava muito por isso. Em demonstração de desespero, escreveu também ao secretário da missão, Paul Ongman, e se despediu, dizendo que estava sofrendo tremendamente com toda aquela situação; por isso, agradeceria por sua resolução o mais rápido possível. Ele responde que *“ela era arrogante e orgulhosa”*. Os homens, construtores das religiões, não eram os únicos protagonistas, mas agiam como tal. Não se conformavam com a força, a coragem daquela mulher em enfrentar todo o ministério, a hierarquia masculinizada. Em todas as suas tentativas, já estava claro que a resposta já havia sido dada, mas Frida não aceitava! Ela argumentava a cada resposta que apresentavam, falando do sucesso de seu trabalho no campo missionário, de sua capacidade e habilidades; mas para eles nada disso tinha valor.

Excluída da igreja sueca ficou isolada de todo serviço da igreja e, por conseguinte, impedida de voltar ao Brasil ou de ir para Portugal em missões. Na reunião da igreja Filadélfia, em 10 de setembro de 1934, Pethrus argumentou para a igreja não poderia tolerar uma viúva e mãe de cinco filhos em uma viagem e enfatizou que Frida, em seu trabalho no Brasil, tinha prejudicado a missão, porque seu comportamento não tinha sido moralmente impecável. Mas Frida argumentou em carta:

O fato é que em nenhum outro lugar em todo o Brasil, tem Deus em oito anos feito o que fez no Rio de Janeiro neste momento. Mais de duas mil pessoas foram ganhas para o Senhor e o trabalho está em três Estados vizinhos. Se minha presença no trabalho era tão prejudicial, como poderia ter Deus abençoado? (Carta de Frida a Lewi Pethrus *in* NORELL, 2011, p.155).

Nyström, em outra carta para Estocolmo, escreve: "Esta igreja no Rio está cheia de pecado e desordem e vai me dar cabelos brancos. Há uma abundância de jovens que tem olhares pra cima de Frida" (NORELL, 2011, p. 275). Ele tinha ciúmes de Frida ou desejava fomentar ainda mais uma reputação negativa? Nyström, confirmou ser verdade a informação sobre o comportamento questionável de Frida e que ela tinha muitas vezes insistido em ser a responsável pelo trabalho.

6. A viagem interrompida

De acordo com a filha mais velha, Margit, Frida já tinha despachado as malas e levado seus filhos para a Estação Central de Estocolmo. Eles estariam viajando de trem para o Sul, onde tomariam um navio para Portugal. Quando estavam prestes a embarcar no trem, Pethrus, o líder da igreja sueca, apareceu e impediu-os fisicamente de embarcar. Deve ter sido um tumulto muito grande e todos foram parar na delegacia. De lá, muito nervosa, Frida foi encaminhada para o hospital psiquiátrico.

Frida foi internada pela primeira vez, em um Hospital Psiquiátrico, em 12 de janeiro de 1935. Seu filho mais velho Ivar foi chamado e convencido a permitir sua internação. Perdeu a guarda de suas crianças. Seus filhos ficaram praticamente órfãos de uma mãe viva. A "enlouqueceram". Em um momento de muito nervosismo, como reação a tudo que estavam fazendo contra ela, Frida foi internada. Frida passou a receber medicamentos e usar uniforme.

Começou a ter alucinações, orava ajoelhada aos pés da cama em voz alta. Sua mente começou a ficar confusa, certamente pelas medicações.

Mas essa foi somente uma das diversas internações que a igreja sueca Filadélfia fez com Frida. Seus filhos mais novos Margit, Astrid e Bertil passaram a morar com famílias da igreja e mais tarde na hospedaria missionária da igreja Filadélfia, não podiam visitar a mãe, somente os dois filhos mais velhos Ivar e Ruben, por regras do hospital. Depois de crescidos conseguiram permissão de se unir aos irmãos mais velhos, em 1939, recebendo Frida em casa quando essa recebia alta, mas já não era a mamãe Frida, estava triste, cansada, adoentada.

Viúva e com cinco filhos, a impediram de fazer o que mais amava – trabalhar, na sua concepção, para a obra de Deus. Mas mais do que isso, invadiram sua vida privada impedindo-a de ter um novo relacionamento conjugal e, sobretudo criaram um abismo na maternidade de Frida, na relação saudável que tinham. Os homens querem sempre decidir pelas mulheres. Nyström e Pethrus decidiram por Frida e fabricaram sua loucura com a anuência dos demais dirigentes da igreja. Frida odiava as internações, mas passou o tempo entre 1935 e 1940 em diferentes hospitais e instituições. Seu bócio – única doença detectada permaneceu sem tratamento e, posteriormente, sofreu uma úlcera muito dolorosa, afirma Kajsa (2012). Seus filhos ao final de sua vida puderam oferecer minimamente cuidado e carinho de filhos. Margit passou a cuidar exclusivamente de Frida e acordava a noite para lhe fazer massagem para aliviar as dores. Na hora de sua morte em 30, de setembro de 1940, Margit segurava suas mãos. Frida morreu com 49 anos de idade.

Conclusão

Na trajetória de vida de Frida, nada justificará a condenação de vida que recebeu dos líderes e missionários suecos e também dos pastores brasileiros. Condenaram-na a uma existência de manicômio por teimosia. Confinaram

Frida ao mundo de dor, desvestiram-na de si mesma para vesti-la num uniforme hospitalar, sem direito a desejar e, assim, negaram-lhe humanidade. Optaram por um caminho desumano para calar Frida, para impedi-la de viver seus ideais missionários e também sua vida pessoal e aqui não me refiro mais ao jovem, mas, sobretudo, a esse “tratamento” que a afastou de seus queridos filhos.

Em nenhum dos prontuários médicos, conforme afirma Norell (2012), referentes à Frida havia diagnóstico de que sofria de algum distúrbio mental. Os diagnósticos eram de irritabilidade, teimosia e apresentação de tremores. Como resultado dos exames, a única doença constatada foi de hipertireoidismo. No prontuário de sua primeira internação de 12.01.1935, consta que pesava em torno de 63kg, estava consciente de espaço, tempo e de sua própria identidade, mas seu quadro passa a se agravar com o tempo.

Neste cenário apresentado, os homens impediram-na que decidisse sua própria vida, sua viagem, seus filhos, além de produziram um diagnóstico de sua saúde mental. Não caberia aqui perguntar se a irritabilidade e teimosia de Frida, argumentos utilizados para sua internação, não teriam sido um dos momentos de maior lucidez diante de uma situação que lhe “arrancava” a própria vida?

Como uma “louca” cuidaria de seus filhos? Fizeram de seus filhos órfãos de uma mãe viva, desde sua primeira internação em 1935 até sua morte em 1940, morrendo ou sendo morta pelos homens que se sentiram no direito de decidir por ela. E assim deliberaram também pelo futuro de seus filhos. Cada resposta com certa “agressividade” ou “raiva” de Frida servia para excluí-la. Em cada hospital psiquiátrico, ela foi mostrando que não era ali o seu lugar.

É impressionante como o destino de Frida impactou imensamente seus filhos e até netos. Bertil teve problemas de sono em vários períodos. Ambos Bertil e Astrid (filhos mais novos) sofreram muito. [...] Rubem serviu como pastor na igreja pentecostal em Pihljusto ao Sul de Estocolmo. Ivar saiu em

missões com sua esposa Brita e seus filhos. Quando saíram era ninguém menos que Samuel Nyström o secretário da missão da igreja Filadélfia. Ivar sentiu-se chamado para o Rio de Janeiro, o lugar onde cresceu. Samuel Nyström recusou. Mesmo depois de anos e a resposta de Nyström deu-se nas dispensas vazias ao jovem casal de missionários, Ivar, o filho mais velho de Frida e sua esposa e filhos. Nyström não autorizou ajuda financeira ao filho de Frida para a missão brasileira. (NORELL, 2011, p.226-228)

Bertil, o quinto filho do casal, nascido no Rio de Janeiro, em 1926, por sofrer de profundas insônias é acusado de ser infectado pela doença de Frida. Foi acusado de ser louco como a mãe. Lewi Pethrus, o líder sueco não o aceita como membro na igreja Filadélfia. Mas esses líderes não consideraram que os separaram de sua mãe de forma tão abrupta e desumana e como órfão de mãe viva vão sendo criados ora por uma família da igreja ora por outra ou se alojam na casa missionária. Quanta falta a mãe lhes fez e quanta falta seus filhos não fizeram a Frida.

Nenhuma empatia foi demonstrada? Nenhuma misericórdia foi concedida? Sim, sua teimosia era seu principal traço de sanidade. Já havia sido estigmatizada: adultera e louca. Que tamanha falta cometeu para enterrá-la viva? Teve condutas inadequadas para que padrão? Era teimosa e não controlava seus impulsos de raiva? Ou não se conformava com a situação imposta pelos homens que a impediram de tomar decisões sobre sua própria vida e de seus filhos? Não olharam para sua trajetória de vida, de trabalho, de dedicação, de sofrimentos, suas singularidades, nem contexto social, mas foram prontos em julgar e condenar. Sua resistência na igreja foi quase solitária.

As análises aqui realizadas, na perspectiva de gênero, trazem à tona as frequentes violências perpetradas na sociedade patriarcal e das relações de poder, das quais derivam a dominação como algo natural. O processo de dominação e poder do sistema patriarcal implantado na igreja cristã se solidificaram na cultura judaico-cristã, particularmente depois da

sistematização teológica produzida por Agostinho de Hipona, a partir do século IV. Desde então conceitos de culpa, pecado e da sexualidade são interpretados, manipulados e perpetrados através de papéis sociais definidos para homens e mulheres nos meios cristãos como formas de justificação e de sacralização das desigualdades sociais, submetendo-se as mulheres, em sua cotidianidade a inúmeras violências.

O enfoque da análise está na vida pessoal de Frida Strandberg tanto em seus aspectos simbólicos quanto em seus valores e interpretações, pois assim torna-se possível a aproximação de sua construção de mundo e a compreensão de suas interações na vida social por meio das relações pessoais. Tais considerações possibilitaram compreender como as mulheres foram e ainda são tratadas na religião cristã, especificamente entre as evangélicas pentecostais, que não raramente são invisibilizadas nos relatos oficiais de suas denominações trazendo como resultado a experiência do apagamento da memória de muitas mulheres evangélicas até os dias de hoje.

Frida Maria Strandberg foi um símbolo da resistência ao sentimento de obsessão de dominação de pastores suecos e pentecostais brasileiros, todos atravessados pela dinâmica dos encontros e choques políticos-ecclesiásticos, ou seja, brigas de poder. Por isso, os estudos feministas, através da categoria analítica de gênero compactua na afirmação de Gebara: “O privado e o público, o pessoal e o coletivo vivem juntos e dependem um do outro.” (GEBARA, 2000, p. 181)

Durante os anos que Frida tenta insistentemente voltar ao Brasil, após o falecimento de Gunnar, de 1933 até sua primeira internação em 1935, mesmo Nyström tendo interpelado as cartas de Frida ao jovem, na tentativa de impedir a relação dos dois, o casal apaixonado parece não obedecer, porque as correspondências continuam e, inclusive trocam até presentes. Norell diz que isso incomodou tanto Samuel que ele pede para ambos pararem já que ele tem

acesso à caixa de correio. A verdade é que é nítida a vontade de poder e dominação sobre a vida de Frida, inclusive sua vida íntima.

Frida e o jovem tinham pretensões de começar um projeto ousado: escreverem um livro sobre a missão no Brasil (NORELL, 2011, p.224), esse dado deve ter assustado Nyström para ele ter dedicado tanto de sua vida contra a Frida, mas a luta por poder foi descomunal. Neste sentido, liderado por Samuel Nyström, os homens que estavam à frente ou nas principais frentes de trabalho no Brasil e na Suécia travaram uma luta levada às últimas e piores consequências para Frida. Ela uma sueca pobre que se mudou para o Brasil, vindo de um lar não ajustado aos padrões normativos burgueses do cristianismo católico ou do luterano sueco ou ainda do pentecostal brasileiro – Frida nem era tão submissa, nem era tão do lar. Mas era uma mulher forte, obstinada e de coragem que encontrou na igreja refúgio, esperança e também possibilidade de maior autonomia, pois acreditou na mensagem protestante pentecostal do Espírito que à todas e todos sem exceção distribui dons e, tal fato, a fez acreditar que nada a impediria.

Uma mulher casada, mas sozinha, pois seu esposo não era seu companheiro. Estava frequentemente em viagens de missões, Norell (2011) o designa muitas vezes como fanático. Muitas viagens duravam meses e ele retornava para casa por ter ficado adoentado, já que sua saúde sempre fora debilitada, mas isso não o faz uma pessoa má. Amou Frida e seus filhos.

Frida é apontada como uma mulher imperfeita para que sua humanidade seja reconhecida. E, sobretudo importa desvelar mecanismos de tratamentos desiguais para a vida moral de homens e mulheres. Há um engendramento incutido é isso deve ser tratado. Todas as resoluções são intencionais. A trajetória de Frida exhibe tais esboços. O início desse impedimento se dá muito antes de terem o conhecimento de seu relacionamento com o jovem ou da ‘construção’ de sua loucura.

Os argumentos se constroem em nome de uma interpretação teológica de submissão da mulher que deve prevalecer dentro ou fora da igreja. É o sistema cultural sobrepondo-se a quaisquer possibilidades de interpretação mais libertária. O patriarcado está acima ou é a base dessa interpretação e a mensagem final é clara para as mulheres pentecostais: não se atrevam a enfrentar o poder dos homens da igreja.

Norell (2011) afirma que o jovem com quem Frida se relacionou era muito mais novo que ela. Era talentoso e os dois trabalhavam em estreita colaboração. Quando descobertos sofrem pressões, mas nada dizem. Parecem estar apaixonados: “O jovem achava que Frida era a mulher de sua vida. Ele lhe propôs casamento caso ficasse viúva”. No prontuário de Frida há uma carta ao Doutor Hubert onde ela escreve sobre seu caso de amor: “Eu fui tão infinitamente feliz, porque eu estava terrivelmente infeliz”. (NORELL, 2011, p. 222).

Mas tudo foi tratado como um grande pecado, mesmo depois de viúva. Bertil, filho de Frida declara a Norell a existência de cartas apaixonadas dirigidas a Frida pelo jovem e acrescenta sua máxima como filho: “Eu a amo de qualquer maneira”. (NORELL, 2011, p. 220). Samuel Nyström em sua concepção trata de “consertar” o que Frida fez ao jovem e falando sobre o emprego em um escritório que o jovem havia aceito escreve a Lewi: “É melhor que ele continue no cargo até que ele recupere o que perdeu espiritualmente”. (NORELL, 2011, p. 226) A sedutora Eva – Frida era a culpada. E por isso até a guarda de seus filhos foi tirada. Nyström orienta sobre isso também: “Ela precisa ficar internada e a guarda de seus filhos retirada” (NORELL, 2011, p. 228). Tal fato sem que percebessem as possíveis consequências nefastas para Frida e seus filhos.

Nyström resguarda a identidade do jovem e lhe garante um futuro seguro nas Assembleias de Deus. Em troca, ele deveria esquecer a história vivida com Frida. Para Frida, Nyström escreve que se ela o amava mesmo

deveria esquecê-lo e deixá-lo livre, porque já havia preparado tudo para o jovem amante aqui no Brasil e ela não deveria atrapalhá-lo (NORELL, 2011). Mas a verdade é que o retorno de Frida poderia ameaçar não a carreira do jovem, mas a de Nyström. Nessa trama, Frida foi conduzida à loucura, por meio de diferentes pressões, da Igreja, da sua relação familiar e da sua mudança de país. Poderíamos dizer que esta é uma loucura “fabricada” para afastar sua influência na igreja.

Frida não foi considerada exemplo a seguir e, talvez nunca tivesse tido essa intenção, pois soube reconhecer seus erros e acertos. Sobretudo, precisamos reconhecer o peso da opressão sofrida por Frida e não cair em julgamentos apressados. Assim sendo, conclui-se que quaisquer instituições dentro de uma sociedade patriarcal e desigual passa a ser espaço possível de perpetuação e reprodução das violências de gênero contra as mulheres.

É imprescindível que todas as mulheres e homens se conscientizem de que a religião, especificamente em nosso recorte Ocidental, latino colonizado e cristianizado a partir de tantas explorações encerre em si variadas contradições que necessitam ser revistas para que possa cumprir sua principal mensagem - o amor. Para que assim como humanidade possamos contribuir para o crescimento da justiça para todos e todas.

Quem e como se reparará a dívida sobre sua memória!? É necessário que saiamos dos limites do sistema patriarcal violento e desigual para responsabilidades pessoais, a fim de que o campo religioso se envolva com a busca da igualdade de gênero e pelo respeito de cada uma e cada um ser e estar. Que mais Fridas possam ser ouvidas para que os apagamentos sejam substituídos pelos protagonismos históricos das mulheres.

Referências

- ALENCAR, Gedeon. *Matriz Pentecostal Brasileira. Assembleias de Deus - 1911-2011*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- DANIEL, Silas. (Org.). *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil: Os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MORAES, Isael Araujo de. *Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- NORELL, Kajsa. *Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelas och den helige andens land*. Stockholm: Ed. Bladh by Bladh, 2011.
- SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n. 2, jul./dez, 1990.
- SOARES, Carmem. (Org.). *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.